

Afinal o que é isso da AUKUS?

A fundação da parceria Austrália-Reino Unido-Estados Unidos é um marco histórico e tem um triplo significado: global, regional e, embora do outro lado do mundo, também para a União Europeia.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 6 de Outubro de 2021

AUKUS é uma nova parceria estratégica tripartida entre a Austrália, o Reino Unido e os EUA. Dito de outro modo, uma nova aliança político militar que tem como finalidade desenvolver uma tecnologia militar que permita à Austrália obter submarinos de propulsão nuclear. Mas vai mais longe e estende-se a vários domínios, da ciberdefesa à inteligência artificial. O objectivo estratégico nunca dito, é, porém, evidente: conter o expansionismo chinês no Indo-Pacífico.

Mas porquê tal alarido internacional à volta da AUKUS? Porque a sua fundação constitui um marco histórico e tem um triplo significado: global, regional e, embora do outro lado do mundo, também para a União Europeia.

1. Significado global, em primeiro lugar, porque confirma o Indo-Pacífico como o centro geopolítico da vida internacional. Tal como na guerra fria a bipolaridade entre os EUA e a URSS fez do Atlântico o centro estratégico mundial, também, agora, a rivalidade entre os EUA e a China confere ao Pacífico a mesma centralidade estratégica. E tal como na guerra fria a contenção da ameaça soviética na Europa esteve na origem da NATO, também, agora, a contenção do expansionismo chinês está na origem da AUKUS.

Xi Jinping definiu como objectivo estratégico para a China a hegemonia mundial em 2049. E está metódica e sistematicamente a dar todos os passos nesse sentido: o revisionismo internacional, uma política externa agressiva e um investimento militar que em dez anos cresceu 76%. Em particular no domínio naval.

Desde o fim guerra fria e, sobretudo, desde o 11 de Setembro que os Estados Unidos fizeram uma deslocação geopolítica para oriente: primeiro, da Europa para o Médio Oriente e, depois, do Médio Oriente para o Pacífico. Há dez anos Obama enviou 2500 *marines* para a Austrália. Agora, os submarinos de propulsão nuclear são o culminar desse movimento. Uma coisa é certa: o futuro da ordem internacional joga-se no Indo-Pacífico.

2. Significado regional, em segundo lugar, porque altera os equilíbrios regionais. A presença naval chinesa tem-se manifestado cada vez mais ofensiva nos mares do Sul da China: pretensões territoriais várias, manobras navais em ilhas reivindicadas pelas Filipinas e voos tácticos na zona de defesa de Taiwan. Mas mais do que isso, a tensão é crescente com a Austrália. E quando esta resiste à influência chinesa no seu território, recusando o 5G da Huawei, vetando investimentos, criticando violações dos direitos humanos ou, pura simplesmente, propondo um inquérito independente sobre as origens da covid-19, é punida com pesadas sanções económicas.

Na Austrália, como na região, a imagem da China está a mudar. Chegou ao fim o mito da ascensão pacífica da China e está a crescer a percepção da ameaça. A nova aliança e a capacidade submarina australiana reduzem a capacidade chinesa de domínio naval do Pacífico e bloqueio ou invasão a Taiwan.

3. E a Europa, do outro lado do mundo, o que é que tem a ver com isto? Tudo. Para o Reino Unido é a primeira concretização da sua nova estratégia pós-"*Brexit*": a *Global Britain*. Para a França, que tem territórios no Pacífico, que há muito desenvolvia uma estratégia para o Indo-Pacífico e que tinha um contrato milionário para fornecer os seus submarinos à Austrália, não só perdeu os milhões como não foi convidada nem informada da nova aliança. Mais do que uma derrota diplomática, sentiu-o como uma traição. E reagiu, apoplética, como o marido traído. Com razão e sem ela. Com razão, porque se esperava entre aliados, se não um convite, pelo menos um aviso prévio. Sem ela, porque Macron, em 2020, num discurso neo-gaullista na Escola de Guerra, tinha recusado uma grande aliança americana contra a China e defendido a tão propalada "autonomia estratégica".

Em Washington, apesar de tudo, sabem ler jornais e vêem televisão. Terão pensado que não estava interessado. A União Europeia, que não ganhava um cêntimo com o negócio dos submarinos franceses e não tem uma estratégia para o Indo-Pacífico, sabe-se lá porquê, tomou as dores do pequeno De Gaulle. Uma saída do Afeganistão sem consulta ou a AUKUS sem aviso aos aliados espera-se da *America First* de Trump, não da *America is back* de Biden. Assim, não vai longe a sua aliança das democracias. Mas também se espera dos europeus que clarifiquem o querem no Indo-Pacífico e, sobretudo, que compreendam que autonomia estratégica não significa equidistância entre autoritarismo e democracia. Porque a coisa é séria: uma vez mais, põe em causa a relação transatlântica e a confiança entre aliados.

<https://www.publico.pt/2021/10/06/opiniao/opiniao/afinal-aucus-1979977>